

Jornalismo em *cyrigype*: cobertura sobre os povos originários de Sergipe na imprensa sergipana¹

Raíssa Santos de Sousa²
Michele da Silva Tavares³

Universidade Federal de Sergipe(UFS)

RESUMO

Este trabalho busca refletir em uma contextualização aos aspectos históricos, culturais e geográficos a participação dos povos originários de Sergipe no estado e como isso se integra na mídia discutindo conceitos como “etnojornalismo” e “subjetividade” podem causar um impacto na produção jornalística da imprensa. A partir da observação e pesquisa no produto Jornalismo em *Cyrigype*: Guia de imprensa para jornalistas não-indígenas sobre os povos originários em Sergipe, foi possível compreender de que forma a mídia, sobretudo não-indígena pode contribuir para uma divulgação responsável, humanizada e plural.

PALAVRAS-CHAVE

Guia de imprensa; imprensa sergipana; etnojornalismo; povos originários.

INTRODUÇÃO

Em atenção às lacunas existentes em relação à abordagem midiática dos povos indígenas, este trabalho mergulha em dicas e fontes relevantes para pautas sobre os povos originários, com recorte geográfico às comunidades sergipanas, Xocó e Fulkaxó. A partir da observação e pesquisa paralela ao produto Jornalismo em *Cyrigype*: Guia de imprensa para jornalistas não-indígenas sobre os povos originários em Sergipe, foi possível notar como os veículos, principalmente digitais têm abordado estes povos na mídia. Além de compreender os impactos deste fenômeno.

Segundo o resultado do censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, de 2022, divulgado pelo Observatório de Sergipe, 2023. Sergipe é o estado com menor população autodeclarada indígena. O apagamento de diversos povos no território do menor estado brasileiro foi um processo opressor e no auge dessa violência, quase

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho - Narrativas contra-hegemônicas associadas às materialidades digitais, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Sergipe, email: raissastos.sousa@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2016) e professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), email: mitavares@academico.ufs.br.

nenhum povo restou. Na pesquisa de 2022 aparecem cerca de 4,700 pessoas. Mas, nesta pesquisa também consta a Ilha de São Pedro como a única terra indígena de Sergipe. Sendo que, atualmente, em 2025, as terras sergipanas contam com mais uma comunidade, a Fulkaxó, localizada em Pacatuba com proximidade à Neópolis.

Os Xocó, há mais de quarenta anos retomaram seu território e segue sendo sinônimo de força na luta pelos seus direitos. Os Fulkaxó, nasce da união entre os povos Kariri, Fulni-ô e Xocó, que com um parentesco à comunidade Kariri-Xocó em Alagoas, do outro lado do Rio que os banham e dividem as comunidades territorialmente, conquistaram suas terras na região do baixo São Francisco. Povos que fazem parte da nossa história, cultura e geografia, bem como presentes na mídia neste processo também de crescimento da comunicação.

Apesar dessa presença, é necessário observar como ela é realizada, uma vez que o modelo hegemônico de fazer jornalismo muitas vezes compôs o papel de opressão e invisibilidade às diversas etnias presentes em todo Brasil. O autor Nankupé Tupinambá Fulkaxó escreveu em seu livro “Entre cartas, crônicas e textos jornalísticos: O que fizemos com nosso povo?” (2019) que apenas em dois momentos do ano o foco da imprensa passa a ser os originários:

“Normalmente, são dois os momentos nos quais a mídia publica assuntos voltados para os indígenas: durante o mês de abril, quando se “comemora”, se é que podemos assim nos referir, o dia do índio, sendo este o mês voltado para a celebração, sempre realizada com muitos equívocos e desrespeito à cultura indígena; o segundo eixo de publicações se responsabiliza pela divulgação de conflitos entre indígenas e fazendeiros, noticiando a retomada (no discurso da mídia, invasão) de terras indígenas, os bloqueios de estradas, mortes e outros fatos relacionados à questão da terra” (Fulkaxó, 2019, p. 91).

Em uma breve busca no portal de notícias G1 (nacional), em filtro à palavra “indígenas”, no dia 10 de fevereiro de 2025, uma das primeiras reportagens presentes na página de busca com o termo “indígena” em destaque continha a seguinte manchete, registrada na figura 4: “Indígena que matou irmão se entrega à polícia” (G1MT, 2025, online), reforçando o estereótipo de violência em comunidades indígenas. Afinal, quantos homens brancos matam outros diariamente e não recebem esta denominação? Assim, é fundamental que a mídia amplie e diversifique sua cobertura sobre as questões indígenas, superando os estereótipos e a marginalização presentes em sua abordagem.

METODOLOGIA E REFLEXÕES

Através da compreensão histórica brevemente ressaltada na introdução, foi possível realizar a análise de conteúdo de produções jornalísticas, que para Wilson Corrêa Da Fonseca Júnior citando à Krippendorff, é “uma técnica de investigação destinada a formular, a partir de certos dados, inferências reproduzíveis e válidas que podem se aplicar a seu contexto” (Krippendorff apud Júnior, 2011, p. 284). Dessa forma, diversos portais de comunicação foram mapeados e observados, contrapondo notícias em jornais independentes e hegemônicos para identificar como a cobertura sobre os originários sergipanos tem sido feita.

Para realização desta pesquisa, foram observados em Sergipe sites, como por exemplo, Infonet e G1 Sergipe, bem como outros veículos de comunicação, como também portais vinculados ao setor público e privado, sendo ao todo 9 canais. Apesar da positiva ação temática, reforçando temas como cultura e territorialidade, boa parte delas aconteceram em decorrência à agenda de Dia dos Povos Originários (comemorado em 19 de abril). Além disso, foi possível observar que nem todas as matérias convocavam fontes indígenas.

Além dos veículos tradicionais listados acima, a mídia independente se fez presente. O portal Mangue Jornalismo foi avaliado trazendo temáticas de extrema importância para o debate social como a participação na história de Sergipe e o Direito dos povos indígenas. Ao todo, foram dez publicações de abril de 2023 a abril de 2024.

Quatro matérias foram publicadas exatamente no dia 19 de abril, em que é celebrado o Dia Nacional dos Povos Indígenas. Estas, trazem a memória como base da leitura. Três delas remetem ao cenário político sergipano e sua relação com os povos que habitam o estado. Também há uma matéria a respeito do impacto do Marco Temporal para as comunidades sergipanas, outra em homenagem a uma figura ativista na luta dos povos tradicionais e a última, publicada em abril de 2024 revive aspectos históricos da Ditadura Militar no estado.

Com base na análise e observação dos materiais, percebeu-se que apesar da variedade importante de temas a serem tratados, como dito anteriormente, infelizmente também há pontos negativos como a baixa presença de fontes indígenas nas produções que poderiam contribuir no conteúdo sendo as principais a serem ouvidas.

Para além dos veículos listados acima, foram observados também os portais de etnomídia/etnojornalismo a fim de conhecer como os povos reproduzem informações acerca de suas culturas e o que os jornalistas não-indígenas poderiam aprender a partir disto. O termo pode ser compreendido como este campo de identificação dentro da produção jornalística que foge do convencional, como Renata Tupinambá destacou em entrevista à Thais Sangredo no Nonada Jornalismo em 2016.

Etnomídia é resultado da convergência de mídia e apropriação de diferentes grupos étnicos de tais mídias. Possibilita pensar e realizar a comunicação de diferentes formas saindo do formato jornalístico tradicional. O etnojornalismo traz para os conteúdos produzidos visões de mundo dos comunicadores, suas etnias e culturas, contribuindo para a descolonização dos meios de comunicação, (Tupinambá, 2016, Nonada).

Observando este movimento de identificação e de propor um jornalismo diferente do que o modelo hegemônico tem proporcionado, é possível refletir no conceito de Subjetividade proposto por Fabiana Moraes, uma vez que para ela o nascimento do termo veio “não para fazer uma oposição ao objetivo, mas sim uma como forma de demarcar a importância do subjetivo, historicamente rechaçado no campo noticioso” (Moraes, 2019, p. 207). Ressaltando ainda que a subjetividade “passou a ser uma ferramenta importante na busca pela produção de representações mais integrais sobre pessoas e grupos” (Moraes, 2019, p. 207).

Desta forma, foi a partir de análise em conceitos como estes, pesquisa bibliográfica e mesmo, a etnografia empregada no processo de criação do Jornalismo em Cyrigype (produto experimental) que também surge a reflexão no tema como um estudo a ser debatido, compartilhado e explorado.

CONCLUSÃO

Em suma, é notório que observar as narrativas contra-hegemônicas que surgem em fortalecimento de lutas como a dos indígenas em Sergipe, mas também em todo país e independente de a qual comunidade pertence. São nestes espaços que a cobertura tem contribuído mais para a re(x)istência de pessoas e grupos que mesmo invisibilizados são tão importantes para a construção histórica da sociedade.

Em um misto de acolhimento e busca por melhores condições de apresentação na mídia nasceu o Jornalismo em Cyrigype, um guia que construído coletivamente junto às comunidades locais, coautoria do jornalista indígena Nankupé Tupinambá e entrevista

aos povos ancestrais do estado traz informação, vozes, dicas e fontes. Um ato de contracolonização ao jornalismo sergipano.

REFERÊNCIAS

FULKAXÓ, Nankupé Tupinambá. **Entre Cartas, Crônicas e Textos Jornalísticos**: O que Fizeram com Nosso Povo? Camaçari, Bahia: Pinaúma Editora, 2019.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. Análise do conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 281-303.

GLOBOPLAY. Indígena que matou irmão se entrega a polícia. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/13331047/>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2025.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247/155192>. Acesso em: 10 jun. 2024.

TUPINAMBÁ, Renata. Iniciativas indígenas buscam autonomia no jornalismo. [Entrevista cedida a] Thais Seganfredo. *Nonada*, [s.l.], 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3kiPFCB>. Acesso em: 05 de maio de 2025.